Lugar (*)

Augustin Berque

(*) Augustin Berque, "'Lieu' 1.", EspacesTemps.net, Livres, 19.03.2003
http://www.espacestemps.net/articles/lsquolieursquo-1/

Tradução: Profª Sandra Maria Patrício Ribeiro
(Para fins exclusivamente didáticos. Circulação interna ao LAPSI/IPUSP – Laboratório de Estudos em Psicologia Social e Mundo Contemporâneo: Paradigmas e Estratégias)

Lugar (Lieu): Onde algo se encontra ou se passa. Termos próximos: lugar, espaço, posição, local, localização, vizinhança, localização, situação, área, palco, teatro...

Localização (do latim *locus*) é um conceito fundamental da geografia, a ponto de que ela poderia ser qualificada "ciência dos locais" (Vidal de la Blache). Os usos do termo, portanto, refletem as vicissitudes desta disciplina, em particular o seu aquartelamento entre o desejo de abstração científica, em primeiro lugar, e em segundo lugar a necessidade de levar em conta a realidade sensível da *ecúmena*. A divergência entre a geometria (abstrata) e topografia (concreta) é mais antiga ainda do que a geografia como uma disciplina. Ela já se expressa, por exemplo, nas cidades da época sumeriana, cujo traçado revela um conflito entre as exigências de uma geometria sagrada e as contingências da topografia profana.

Deste conflito resulta a ambivalência do "lugar" na geografia. A questão supõe uma ontologia, e só pode ser compreendida remontando-se às origens do pensamento europeu a este respeito. De fato, a geografia - e com ela tudo que caracteriza os (ou trata dos) lugares no pensamento e práticas contemporâneas como, por exemplo, a arquitetura - estabelece-se inconscientemente sobre as bases que foram estabelecidas por Platão e Aristóteles. Estas são ao mesmo tempo contraditórias e complementares. Pode-se representá-las pelos dois conceitos de *chôra* e de *topos*. Cada um desses dois termos pode ser traduzido como "lugar", mas o que eles implicam é muito diferente.

No Timeu de Platão, a *chôra* intervém na relação entre o ser absoluto (*eidos* ou *idéia*), que releva do inteligível, e o ser relativo (*genesis*), que releva do mundo sensível (*kosmos*). O ser relativo não é mais que uma imagem imperfeita do ser absoluto. Este último é eterno e não tem lugar. Ao contrário, o ser relativo está submetido ao devenir e não pode existir sem

um lugar, que é a *chôra*. Sem defini-la, Platão a identifica através de uma série de comparações, algumas das quais aparentemente contraditórias; assim, por um lado a *chora* é mãe (mêter) ou nutriz (tithênê), por outro lado é “tábula” ou “porta- marcas” (ekmageion). Porém, se a *chora* é, assim, ao mesmo tempo matriz e marca/pegada da *genesis* (seres relativos; gerados), isso significa que há no mundo sensível uma ligação ontológica indissolúvel entre os lugares e as coisas.

É o contrário o que sobressai da definição aristotélica do *topos* no livro 4 da “Física”. De fato, ele é comparado a um "recipiente imóvel" (aggeion ametakinêton) que limita imediatamente a coisa. Isso significa por um lado que a coisa e seu lugar são dissociáveis: se a coisa se move, seu lugar torna-se outro lugar, e por outro lado, que o ser ou a identidade da coisa não ultrapassa o seu lugar: se ela ultrapassou esse limite (*peras*) ela seria outra coisa, pois ela teria outra forma e, para o aristotelismo, a forma dá o ser à coisa.

Esta definição de *topos* parece claramente ligada ao princípio de identidade (A é A) que funda a lógica aristotélica. Ao contrário, em sua ambivalência e indefinição (Platão vai compará-la à um sonho), a *chôra* lhe é obviamente estrangeira. A *genesis*, em seu devenir, escapa igualmente ao princípio da identidade. Em contrapartida, o ser absoluto, que é imutável, é a perfeita ilustração deste princípio. O Timeu coloca também que a verdade (*aletheia*) concerne ao ser absoluto, enquanto o ser relativo releva da crença (*pistis*). É neste sentido que a metafísica de Platão é uma das origens do pensamento científico, que também se apoia sobre o princípio de identidade que fundamenta a inferência racional. Finalmente, o Timeu assimila o ser absoluto à uma forma geométrica.

A partir destes fundamentos epistêmicos foram estabelecidas duas concepções possíveis de “lugar”, entre os quais oscila sempre e ainda hoje a geografia:

- Em uma, o lugar é perfeitamente definível em si mesmo, independentemente das coisas. Este é o lugar das coordenadas cartesianas do cartógrafo, cuja ordenada (longitude), abscissa (latitude) e cote/dimensão (altitude) estabelece-se no *espaço absoluto do “Principia Mathematica” de Newton*. O lugar é um ponto abstrato, totalmente objetivo. Ele releva de uma geometria que permite definir não menos estritamente objetos que podem ou não se encontrar ali. Um tal lugar não é outro senão uma síntese do *topos* aristotélico com a *idéia* platônica;
- Outra concepção possível releva da *chora*. É a mais problemática, porque é essencialmente relacional. O lugar aqui depende das coisas, as coisas são

> dependentes dele e esta relação está em devir: isso escapa ao princípio da identidade. Este é o lugar do "crescer juntos" (*cum crescere*, donde *concretus*) das coisas na concretude do mundo sensível. Esta não é então uma questão para a geografia ignorar, pois é exatamente o que a diferencia de uma pura geometria. Mas como conceber a lógica, se não aquela da identidade?

A lógica do lugar (*basho no ronri*) própria ao mundo sensível, como a mostrou Nishida em *Basho* (Lieu, 1927), é uma lógica do predicado e não ponto da identidade aristotélica. Ela não releva do “A é A”, mas do “A é B”, em que A remete (leva) ao predicado (B) segundo o qual se o apreende. E o mundo, que é o conjunto de tais predicados, releva ele mesmo de uma lógica predicativa.

Não é possível absolutizar este princípio (como Nishida cometeu o erro de fazer, em um construtivismo puro), pois isto entra em contradição com a inferência racional, logo com a ciência; mas ele esclarece decisivamente a questão do lugar. Os lugares reais da *ecúmena* combinam, de fato, a lógica da identidade e a lógica do predicado: por um lado, as coisas possuem uma identidade física (A é A, esta chuva é H_2O), estritamente localizável nos limites de seu topos; mas por outro lado elas existem em função dos predicados - quer dizer, o valor e o sentido - com que a existência humana as cumula/carrega ao longo da história (A é B, esta chuva é um desastre para Sauternes). Esta relação existencial não pode ser reduzida a uma precipitação de H_2O sobre um *topos* identificado como "Sauternes" pelo mapa (que, aliás, já é uma predicação!); ela compromete muitas outras coisas, num *chôra* que escapa à geometria.

Qual é o verdadeiro lugar da chuva em questão? Ao mesmo tempo, o *topos* de uma precipitação, e a *chôra* de um desastre. Além disso, se a precipitação pode ser reduzida a uma altura d’água no "recipiente imóvel" chamado *topos*, a catástrofe é um processo na *chôra* que não pára de se expandir, por exemplo, no ano seguinte, tal importador neozelandês não renovará o pedido (commande) de Sauternes. Este é de fato um *chorésie* (do grego *chôrein*, deslocamento [se déplacer]), que se agrega predicativamente à topicidade da identidade física das coisas. E esta *chorésie* é tanto mais ativa quanto Sauternes é um *haut-lieu*, quer dizer um lugar mais carregado de predicados que não são os de outros lugares, mas até mesmo os lugares mais insignificantes não podem ser reduzidos à uma pura topicidade, o que seria ausência total de predicação. Porquanto (o nosso planeta) é mundo - ou seja, predicados, predicações e predicadores - há a *chorésie* dos *topoi*

do planeta, e é isso que faz nossa ecúmena. Essa é a dupla natureza dos lugares da ecúmena. A Geografia, ciência dos lugares, deve assim, necessariamente, combinar as duas lógicas que lhes são subjacentes. Esta é uma tarefa mais árdua, mas mais rica, que a de reduzi-la ilusoriamente a uma ou a outra. Os lugares da realidade, aqueles estudados pela geografia, transgridem sua topicidade: eles se constituem/compõem em *chorésies* movediças, contingentes como o são os predicados da história; no entanto, jamais se libertam totalmente das leis da identidade física.